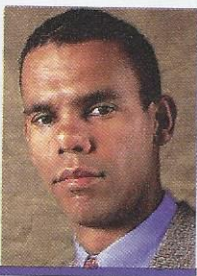


Anaquins

Este artigo tem a intenção de apresentar uma pesquisa arqueológica conduzida pelo autor no Deserto de Bayuda, no Sudão, no verão de 2005. Trabalhando entre os Hawawires, o autor descobriu evidências da presença dos Anaquins na região, no passado. Essas evidências são analisadas.



Rodrigo Pereira da Silva

Rodrigo Pereira da Silva é Doutor em Teologia pela Pontifícia Faculdade Católica de Teologia Nossa Senhora da Assunção, Docente de Ciência e Religião na Faculdade Adventista de Teologia do UNASP - campus Engenheiro Coelho, SP, e curador adjunto do Museu de Arqueologia Bíblica Paulo Bork.

Gigantes no Sudão

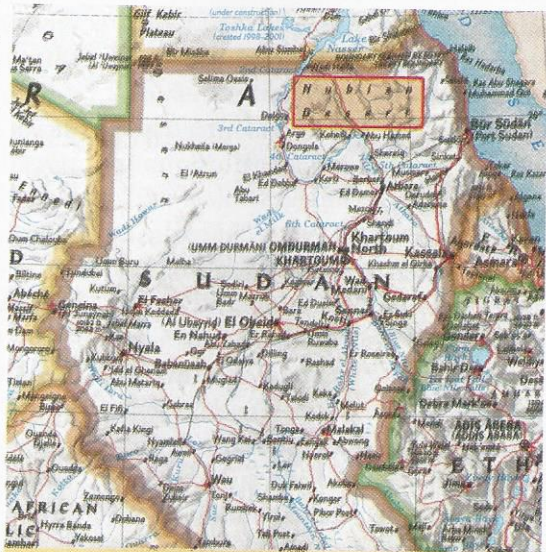
Uma verificação introdutória da possível presença de anaquins no Deserto de Bayuda

Desde o florescer da arqueologia moderna, no final do século 18, reconhece-se que não é sábio rejeitar por completo informações dadas por aldeões ou beduínos do deserto que há anos transitam pelo cenário original da história antiga. Apesar de serem em sua maioria analfabetos ou desconhecedores do método científico convencional, seu conhecimento da terra somado à sua capacidade de armazenar tradições orais milenares torna-os uma boa fonte de pesquisa na localização de cidades ou elementos importantes para a arqueologia do Oriente Médio. Os achados de Ur, Nínive e Babilônia são exemplos clássicos de localizações que se deram a partir de informações dadas por nativos da região.

Bem antes de Rich e Botta empreenderem suas primeiras escavações no Iraque, os aldeões de Hillah (antiga aldeia próxima a Bagdá) já reconheciam alguns montes como sendo ruínas de antigas civilizações. Um, em especial, era chamado de *il babil* e apontado desde longas gerações como o local exato da antiga cidade de Babilônia.

De lá os camponeses traziam tijolos queimados (com mais de 2.500 anos de existência) e com eles construíam suas pequenas casas ao longo do rio Eufrates. Histórias que pareciam mito tornaram-se as primeiras pistas para a localização de antigas cidades mencionadas na Bíblia.

Este artigo pretende ser uma sugestão bastante introdutória para uma futura análise mais detalhada sobre outra informação repassada por um grupo nômade do deserto de Bayuda.⁽¹⁾ Trata-se do possível paradeiro de uma antiga tribo de guerreiros conhecida



Mapa do Sudão com destaque à região do deserto

como “anaquins”, que também é mencionada diversas vezes no relato bíblico do Antigo Testamento. As informações aqui reunidas foram adquiridas pelo autor durante uma curta estada junto aos hawawires,² um grupo nômade/pastoralista que hoje habita, sobretudo, a região norte do deserto do Sudão. O período destas pesquisas de campo estendeu-se de 25 de janeiro a 8 de fevereiro de 2005.

Anaquins

De acordo com o relato bíblico, Anaque foi um personagem histórico que se tornou o principal ancestral da tribo que leva o seu nome, os anaquins (Números 13:22; Josué 15:13, 14; 21:11). O lugar de sua origem era a cidade de Hebron, também conhecida como Arba ou Quiriate-Arba.

“Anaque” é um nome tipicamente semita cujo significado seria “homem de pescoço alto”. Seguindo o costume oriental de correlação entre nomes próprios e características pessoais, é possível supor que esta era sua principal característica. Não obstante, algo de sensacional também foi herdado por seus descendentes, que eram descritos como uma numerosa raça de gigantes, muito temida pelos moradores de Canaã. Aliás, Deuterônimo 2:10 e 11 chega a chamá-los de “emins” (terríveis) e “refains” (gigantes) devido, certamente, à sua grande estatura e força durante os combates.

Embora os detalhes de sua origem sejam ainda bastante obscuros, os anaquins, ao que tudo indica, já habitavam a Transjordânia bem antes da chegada dos hebreus. Seu núcleo principal situava-se em Hebron, a cidade natal de seu fundador. Mas havia outros grupos menores espalhados pela cadeia montanhosa da região (Deuterônimo 2:10 e 11; Josué 11:21; 15:14).

O relatório de espias enviados por Moisés durante a conquista de Canaã também revelou o tamanho incomum daquele povo e desanimou boa parte dos hebreus. Contudo, eles foram vencidos pelo exército de Josué e Calebe, que os expulsaram dali. Somente alguns pequenos redutos anaquitas, quiçá amontoados em clãs, parecem ter sobrevivido durante o domínio israelita sobre a região. A prova disto é que os filhos de Judá tiveram de expulsá-los de Hebron uma segunda vez (Juizes 1:10), o que indica que alguns do grupo retornaram para a mesma cidade que já havia sido conquistada por Calebe. Outros remanescentes possivelmente migraram para a região dos Filisteus e ali permaneceram por bastante tempo.

Outra evidência desta migração está no fato de que, dois séculos depois da conquista de Canaã, já nos tempos da monarquia israelita, soldados anaquins são vistos em meio ao exército de várias cidades filistéias como Gaza, Gate e Asdode (II Samuel 21:22). Tais soldados talvez fossem remanescentes de um grupo sem pátria que sobrevivia de atividades mercenárias durante as guerras tribais. Golias, ao que tudo indica, poderia ter sido um destes mercenários que se filiou ao exército filisteu na luta contra Israel.

O paradeiro de outros grupos de anaquins ainda é incerto. Uma possibilidade seria acreditar que parte deles fugiu para o território egípcio, especialmente a Núbia.

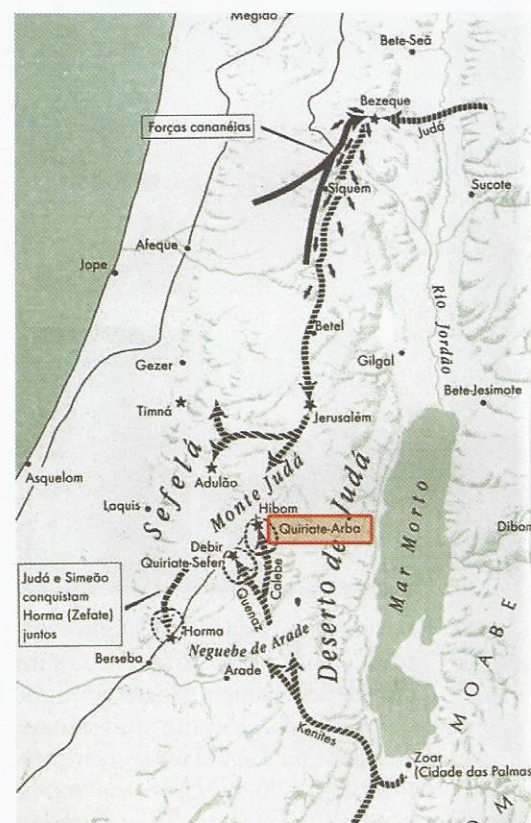
Os Anaquins e a Núbia

Os núbios sempre tiveram uma história de estreita relação com os egípcios. Ora eram inimigos, ora eram aliados. Durante o tempo em que Egito e Núbia se tornaram “reinos unidos”, o faraó Senusret III chegou a ser adorado como deus protetor das principais cidades

núbias, a saber: Buhen, Uronarti, Semma e Kumma (LICHTHEIM, 1975, p. 119).

Duas motivações poderiam ter levado os anaquins a migrarem para a Núbia, especialmente para a região norte que abarca o deserto de Bayuda. A primeira delas seria uma febre do ouro que seduzia grupos conquistadores. A Alta Núbia (Cusã), como se sabe, foi uma das principais fontes de metais para o Egito, especialmente de ouro que era encontrado em abundância na sua região. Somente as minas de Wawat produziram, num espaço de quatro anos, mais de 993 kg de ouro. (VERCOUTTER, 1998, p. 11-21).

Além do comércio, boa parte do ouro núbio/cusita ia para o Egito como pagamento de impostos. Isto fez com que, após a invasão egípcia em cerca de 1500 a.C., os faraós elevassem a Alta Núbia ao posto de “vice-reino de Cusã”, pois tal



Conquista de Canaã destacando Quiriate-Arba ou Hebron

“promoção” permitiria aumentar ainda mais as arrecadações daquele país (Yamauchi, 2004, 51). Logo, eram constantes as caravanas que transportavam ouro da Núbia para o Egito, de modo que os anaquins não precisariam necessariamente se tornar garimpeiros. Bastava aproveitarem de sua força e estatura para poderem roubar o ouro transportado, sem muita resistência das caravanas oficiais.

O segundo motivo da migração seria de ordem geográfica. O norte da Núbia, que hoje constitui um deserto bastante inóspito era, na ocasião, um lugar propício à plantação e ao refúgio de grupos marginalizados. A prova disto são os lençóis freáticos que ainda hoje são explorados em sistemas de irrigação que estão novamente mudando a paisagem local. Além disso, a grande quantidade de tijolos feitos de lama encontrados em Al-Meragh, no coração de Bayuda, também é indício de que houve no passado ampla quantidade de água na região.

Apesar de ser um deserto, os oásis se multiplicavam em setores quase estratégicos por todas as partes de Bayuda. Ademais, a riqueza de montanhas formadas de material vulcânico seria poderoso refúgio natural para quem estivesse em fuga ou quisesse se esconder de exércitos inimigos.

A vasta existência de palmeiras em Bayuda, mesmo em séculos recentes, é outro indicador da antiga prosperidade. Tradicionalmente, o grande *wadi* da região recebe o nome árabe de “Abu Dom” que significa: “pai das palmeiras”. Contudo, com exceção de um *wadi* em Ghazali, nenhuma palmeira pode ser vista no território atual. O nome, evidentemente, aponta para uma época anterior em que a terra hoje desolada constituía um refúgio perfeito para os anaquins fugitivos.

A Núbia também servia de rota comercial entre o Egito e o restante da África Central. Caso alguém precisasse comprar algo no mercado negro, bastava encomendar aos grupos de mercadores que obrigatoriamente tinham de atravessar a região.

Uma evidência adicional da presença de anaquins na região poderia ser vista nos textos egípcios de execração que já apontavam os anaquins, ao lado dos núbios, como inimigos do Egito desde a 20ª ou 13ª dinastia faraônica, o que daria algo em torno dos séculos 19 ou 18 a.C.

Entretanto, há de se notar que tais elementos ainda são muito especulativos para supor uma migração de anaquins para a Núbia depois das conquistas de Josué na Palestina. Qualquer outro grupo de condições semelhantes poderia se enquadrar nesta região. Por isso, seria interessante buscar indícios maiores de possíveis rastros deixados pelos anaquins, que convalidem sua presença no deserto sudanês.

O testemunho dos hawawires

O Sudão é um dos países de maior diversidade cultural no que diz respeito à origem dos muitos grupos que hoje se situam em seu território. São várias as etnias que disputam lugar dentro das terras sudanesas (LESCH, 1998, p. 17).

O povo hawawir⁽³⁾ é uma tribo africana que hoje se encontra arabizada, mas cujas origens são possivelmente semíticas. Eles constituem a terceira maior etnia sudanesa, perdendo apenas para os hasanias e os kababishes (Beshir, informações pessoais em janeiro de 2005). Em 1999, eles já somavam cerca de 300.000 indivíduos, o que na ocasião comportava pelo menos 20% da população que regularmente habita o norte do país (Moh, 1999).

Originalmente os hawawires eram um grupo nômade pastoralista.

Mas nos últimos 20 anos, seu comportamento migratório está sendo modificado graças ao trabalho de irrigação conduzido pela *Adventist Development Resources Agency* (ADRA) junto à região de Um Jawasir, perto de Wadi el Magaddam, no norte do Sudão. A possibilidade de encontrar água num mesmo lugar, ainda que seja época de seca, contribui para o desinteresse em continuar migrando de região em região na busca de melhores condições de vida.

A característica marcantemente introvertida e os costumes arcaico-orientais dos hawawires relembram muito de perto o comportamento dos tempos bíblicos. A fantástica capacidade de armazenar histórias e preservar ensinamentos através da tradição oral aproxima-os muito do antigo Oriente Próximo. E é de lá que saem muitas de suas narrativas.

Uma delas em particular chamou a atenção de técnicos da ADRA e, posteriormente, do autor desta pesquisa. Eles afirmam com muita segurança que há muitos anos, bem antes da chegada dos árabes, um poderoso grupo de guerreiros habitou o deserto de Bayuda. Segundo a sua concepção eram homens de elevada estatura que chegaram a travar um intenso combate na região. Estes guerreiros tinham o nome de *anakins*.

Esta mesma história pôde ser ouvida pelo pesquisador em quatro grupos diferentes de hawawires. Com a ajuda de um intérprete local, lhes perguntamos qual o significado da palavra anaquins e eles disseram “homens de elevada estatura”.

É curioso anotar que, embora o árabe moderno registre uma palavra análoga ao hebraico “anakim”, com o mesmo significado básico de “pescoço”, a pronúncia comum destoa daquela usada pelos hawawires e jamais é usada para se referir a um determinado povo da antiguidade. O

próprio intérprete achou estranha a versão “anaquins” pronunciada pelos colonos. De fato, embora se trate de um povo arabizado e não de um povo originalmente “árabe”, o som “anaquins” estaria mais próximo do hebraico bíblico com sua terminação plural em “im”, que do árabe *onok* com a sua forma plural *Anak*. Ali percebíamos estar diante de uma tradição cujas raízes extrapolavam o mundo islâmico/sudanês.

Para confirmar sua história, os hawawires nos mostraram três grupos de monumentos que eles atribuem ao trabalho dos anaquins na região. O primeiro e o segundo seriam uma série de túmulos e cisternas construídos no meio do deserto de Bayuda e o terceiro, uma extensa muralha que circunda a montanha Jebel el Hosh⁽⁴⁾ próxima à colônia de Um Jawazir.

Os túmulos

Osama ELNUR e Hassan BANDI (1994, p.323-331) chamam a atenção para o fato de que, até recentemente, havia uma descrença arqueológica quanto à possibilidade de se encontrar algo interessante na região desértica que compreende a faixa norte do Sudão, mais propriamente entre a quarta e quinta cataratas do rio Nilo. Porém tal perspectiva vem paulatinamente sendo modificada desde 1989 quando, graças a um patrocínio internacional, três tumbas foram previamente escavadas na região.

O que encontraram não oferecia muitos elementos para afirmações imediatas e a falta de recursos parece ter interrompido o avanço nas pesquisas. Dois dos três túmulos explorados tiveram seu *report* publicado numa antologia de artigos do *Sudan Journal of Archaeology and Anthropology* (1994, p.323-331) lançado em homenagem aos trabalhos de Jean Leclant. Até esse momento

não encontramos na descrição dos túmulos qualquer correlação entre os que estão ali sepultados e a tradição dos hawawires acerca dos anaquins.

Pudemos ver e fotografar vários túmulos que aparecem no meio do nada, modestamente ornados por um monturo de pedras originárias do material vulcânico que se espalha com frequência na região. O que tivemos condição de explorar mais detidamente era, segundo o testemunho de dois nativos, um túmulo de criança. Não ficou claro, porém, qual era sua base para identificar aquele jazigo como pertencendo a um juvenil. Ademais, a falta de um especialista em anatomia na equipe não nos permitiu confirmar ou negar a informação dada. Apenas chamou-nos a atenção o fato de que os dentes da mandíbula estavam em perfeito estado. Apenas um dente estava faltando, mas este parecia ter-se soltado da mandíbula depois de dissecada, pois o formato do encaixe no osso ainda estava perfeito. Os sisos inferiores não estavam totalmente nascidos e isto, de fato, poderia ser indicação de morte prematura do indivíduo talvez antes dos 20 anos.

O túmulo parecia já haver sido explorado anteriormente, mas quem o fez não dispunha de técnicas apropriadas. Não obstante, uma parte dos ossos permaneceu no lugar. Possivelmente a busca por jóias e tesouros tenha levado alguns a cavarem os sepulcros, o que responde, em parte, à pergunta sobre como o nativo sabia que aquela era a sepultura de uma criança anaquim. Contudo, seu repetido testemunho era de que seu povo evitava, por razões religiosas, violar um túmulo antigo, e que dois jovens fizeram isto no passado e foram severamente punidos pelos anciãos da comunidade.

Ao todo foram encontrados uma mandíbula, um fêmur e cinco ossos

do pé esquerdo. O tamanho não será nada extraordinário caso se trate de um adulto. Porém, se for uma criança, conforme o depoimento do nativo, temos realmente uma raça de pessoas muito altas. De fato, o nômade insistia que ossos muito maiores do que aquele já foram encontrados na aventura proibida dos dois jovens castigados.

O fêmur media 47,6 cm com uma circunferência mediana de 10 cm. A mandíbula também media 10 cm desde a região frontal ao limite do maxilar e de uma a outra extremidade na parte final. Não obstante tais medidas, era notório que o túmulo parecia preparado para alguém maior, pois suas dimensões eram exageradas em relação ao tamanho do corpo, levando-se em conta que não havia sinais de um esquife funerário.

As pedras que cobriam o túmulo estavam numa estrutura sub-circular de aproximadamente 10 metros de diâmetro. Porém, a observação de outros túmulos ao longo do deserto mostra que esse tamanho pode variar, e o acúmulo de areia acaba criando uma imagem não muito precisa do tamanho do monturo.

Já o túmulo que ficava abaixo das pedras era semicircular nas pontas e retangular nas laterais (veja as Figuras 1A e 1B). Suas medidas, como foi dito, eram desproporcionais ao tamanho de um corpo normal sem esquife. Era quase exagerada não na largura, mas no comprimento. O túmulo media 63,4 centímetros de largura por 3,10 metros de comprimento. As pedras das paredes internas estavam ligadas por algum tipo de argamassa feita à base de areia. A profundidade da cova, desde o topo das paredes laterais (que iniciavam imediatamente abaixo do monturo) até ao piso inferior, era de 2,53 metros.

Não havia utensílios de qualquer espécie, nem sinais de ser uma tumba coletiva. A posição original dos ossos,

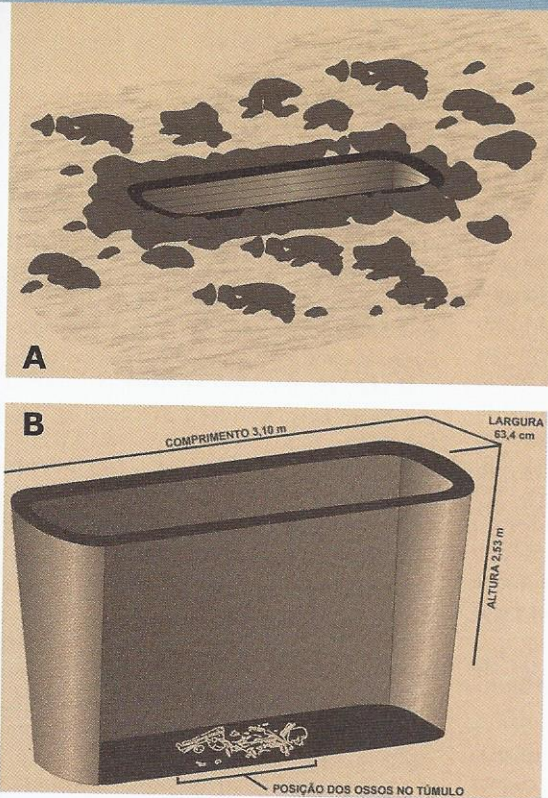


Figura 1 - Desenhos ilustrativos do túmulo descrito no texto (Ilustração feita por Fábio Borges, a partir das informações do autor)

a despeito de ter sido modificada, possivelmente seria a tradicional “postura de feto” encontrada na maior parte dos túmulos antigos.

Pedras quebradas e misturadas com areia pareciam revelar uma espécie de tampa que originalmente deveria cobrir a lápide, mas que ficaria sob o monturo de pedras, oculto à superfície. Fora esses aspectos, não havia nenhuma sofisticação adicional. O sepultamento era bem simples e não espelhava em nada os rituais complexos de outros povos adjacentes. Isto reforça o entendimento de se tratar de um povo com características rudes sem muito apego à religião ritualística.

As Enigmáticas Muralhas de Jebel el Hosh

As montanhas de El-Hosh são um conjunto de elevações que se estende desde o norte do Sudão até ao Egito (mais propriamente entre o sul de

Edfu e o norte de Assuam). Dentro da parte egípcia foram encontrados desenhos rupestres considerados o mais antigo mapa estelar jamais encontrado no Egito (Huyge, Watchman, De Dapper, Marchi, 2001, 68-72). Mas há quem discorde dos métodos de datação pelo radiocarbono aplicados sobre os desenhos (Kaulins, 2005)⁽⁵⁾. Por enquanto, não dispomos de nenhum elemento que nos permita correlacionar estas pinturas e os habitantes da parte sudanesa de El Hosh. Por isso, deixaremos de lado qualquer discussão a este respeito.

Uma montanha em especial, localizada no norte do Sudão (17,25° de latitude norte e 31,65° de longitude a leste de Greenwich), nos chama a atenção pela estranha muralha que jaz em sua base como se a contornasse por completo (veja Figura 2). Os muros, claramente não naturais, são um cuidadoso amontoado de pedras com uma extensão aproximada de 80 metros à direita e 155 metros à esquerda, divididos por uma entrada sem vestígios de portal.

Apesar de largos (cerca de 1 metro, em média, de largura), os muros não são altos. Seu contorno irregular (pelo próprio acompanhamento do solo montanhoso e pelas pontas das pedras utilizadas) tem em média 1,20 metros de altura. Esse formato provavelmente evidencia a tradição de que ali foi um campo de batalha dos anaquins. Se tal afirmação proceder, confirma-se a postura anárquica deste grupo que, caso tenha habitado por estas

terras, não constituiu propriamente um reino, mas uma comunidade marginal, sem castelos, cidades ou infraestrutura permanente. HALL (1948, p.180), ao comentar sobre os anaquins da Palestina, descreve-os como especialistas em construções megalíticas. A eles se devem, no seu entender, “as primeiras muralhas de pedra das cidades cananéias”. Um estudo posterior poderia comparar as estruturas de muralhas vistas aqui e em cidades cananéias do período pré-hebreu.

Complexos de Cisternas

As cisternas, que também podem ser vistas em vários pontos de Bayuda, formam outro interessante e anônimo complexo do deserto. A ausência de outra tradição oral, além daquela que as qualifica como obras de anaquins, termina por fortalecer a possibilidade de que se trata de monumentos feitos por estrangeiros, mui provavelmente aqueles gigantes que haviam migrado da região da Transjordânia.

Sua profundidade é algo impressionante, principalmente se levarmos em conta que foram escavadas em terreno arenoso. Elas têm, em média, 30 metros de fundo até tocar na água, com um diâmetro de 2,5 metros. Como proteção contra um eventual desmoronamento do material arenoso, as cisternas possuem paredes de pedra cujo



Figura 2 - Fotografia da enigmática muralha descrita no texto

assentamento relembra muito de perto aqueles vistos em Jebel el-Hosh.


Bebedouros de pedra destinados a animais também acompanham a maior parte destes poços, o que indica a sua utilização por rebanhos ou animais de carga. Até os dias de hoje, esses poços oferecem água para pastores nômades que por ali passam com seus animais.

Com o tempo, os núbios e egípcios passaram a adotar em seu panteon politeísta, a deusa *Anak* (note a semelhança fonética com Anaquim), que curiosamente é tida como “aquela que tem capacidade de trazer a água para o deserto”. Não seria esta uma herança da tradição que sustenta os anaquins como construtores de poços no centro de Bayuda?

Conclusão

Conforme exposto a princípio, este artigo pretende ser apenas uma introdução a determinado estudo arqueológico que, por certo, produzirá ainda muitos textos focalizando elementos que, por ora, foram impossíveis de serem vistos. Embora seja cedo para afirmações categóricas, a descrição analítica destes monumentos, somada às evidências históricas envolvendo a Transjordânia, o Egito e o Sudão, terminam por, no mínimo, tornar razoável a tradição local acerca dos anaquins e sua presença no norte da antiga Núbia.

Estudos posteriores poderão trazer mais luz acerca do assunto, cobrindo pontos que não foram aqui analisados. A busca de restos de residências, artefatos pessoais, cerâmicas e material escrito na região parece ser um bom investimento científico. Ademais, a comparação entre estas estruturas sudanesas e outras similares vistas na Judéia também seria de grande ajuda na tentativa de se descobrir quem foram os construtores das cisternas, mure

túmulos do deserto de Bayuda e se podemos, de fato, identificá-los com os anaquins combatidos por Josué. 

Notas

(1) Um preito de gratidão deve ser estendido a todos os que direta ou indiretamente tornaram possível a realização deste projeto de pesquisa: Pr. Ronald Kuhn, pelas primeiras informações acerca do Sudão; Dr. Milton Afonso, UNASP e comunidades adventistas brasileiras de Massachussets, pelo apoio financeiro; Fadul Beshir, Malcon Rea e El Tzadik, pela condução no deserto e serviço de conversação e, finalmente, Paul Itak e R. Bassan pela hospedagem em Karthoum.

(2) Nem todos os grupos nômades do deserto são beduínos por raça, pois não são grupos originalmente árabes, mas que foram “arabizados”, isto é, aculturados pelas tradições, costumes e religião árabe.

(3) As grafias mais comuns em inglês são Hawawirs e Hawawers.

(4) Ou Jabal al Hawsh

(5) A discordância de Kaulins é justificada não pelo método do Carbono-14 em si, mas pelo procedimento dos pesquisadores. Ele diz: “Em nossa opinião esta datação está incorreta. Os pesquisadores tiveram à disposição vários locais em El-Hosh, e obtiveram os seguintes valores para os locais que escolheram, baseados apenas em quatro valores de quinze amostras retiradas, as demais não tendo sido consideradas adequadas para análise:

Abu Tanqurah Bahari, Local 2, Painei 1 57553 6690 270 5900 (68%) 5300

Abu Tanqurah Bahari, Local 7, Painei 1 60893 3740 300 2600 (68%) 1700

Gebelet Jussef, Local 2, Painei 1 60892 2450 320 1000 (68%) 100

Abu Tanqurah Bahari, Local 3, Painei 3 60891 2280 320 800 (68%) ad 50

Somente uma das quatro amostras, do total de quinze, apóia a data antiga alegada pelos autores. As outras três amostras dão uma data máxima de 2.600 a.C. Desta forma a amostra escolhida é realmente questionável

e altamente não confiável. Essa datação não poderá de maneira alguma ser usada para alegar que a arte expressa nas montanhas de El Hosh data de 6.000 a.C.”

Referências bibliográficas

ELNUR, O., e Bandi, H., “The Potential of the Fourth Cataract Archaeological Project Mound-Graves at Umm Ruweim and Khor Al-Greyn” in *Sudan Journal of Archaeology and Anthropology*, [estudos em homenagem a Jean Leclant]1994, pp.323-331.

HALL, H. R., *The Ancient History of the Near East*, Londres: Methuen & Co. Ltd.,1948.

HUYGE, D., Watchman, A., DEDAPPER, M., Marchi, E., “Dating Egypt’s Oldest ‘Art’: AMS 14C age determinations of rock varnishes covering petroglyphs at El-Hosh” (*Upper Egypt*)” (*Antiquity*, 75, 2001, p. 68-72).

KAULINS, A., “Petroglyph at El-Hosh deciphered as Astronomy” disponível em: <http://www.tauta.net/ancientegypt/2005_03_01_ancientegyptarchive.htm> acesso em: 26 de março de 2005.

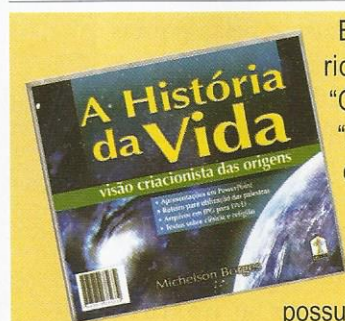
LESCH, A. M., *The Sudan Contested National Identity*, Bloomington e Indianapolis: Indiana University Press, 1998.

LICHTHEIM, M., *Ancient Egyptian Literature*, Berkeley: University of Califórnia Press, 1975, 3 vols.

MOH, K. S., “Forced migration in Sudan - Dilemmas and opportunities of return. Economic and social development in Um Jawasir with emphasis on different kinds of relationship between different groups of people in the area”. Unpublished paper. ADRA-Sudan/Agricultural University of Norway, Noragric, 1999, pp. 1-10.

VERCOUTTER, J., “Das Gold Nubiens, Äthiopien im Altertum” em *Das Goldland der Pharaonen*, [ed. A. Castiglioni e J. Vercoutter], Mainz: Zabern, 1998, 11-21.

YAMAUCHI, E., *Africa and the Bible*, Grand Rapids, MI: Baker Book House Co. 2004.



Este CD contém apresentações em PowerPoint, ricamente ilustradas, que tratam de temas como “O criacionismo na mídia”, “O dilúvio de Gênesis”, “Métodos de datação”, “Evidências da confiabilidade da Bíblia”, entre outros. No material adicional, há diversos textos criacionistas e roteiros para a utilização das apresentações. O CD também pode ser utilizado em aparelhos de DVD, uma vez que possui as telas das apresentações em formato JPG.

Mais informações podem ser obtidas pelo fone: 0800-112710 ou pelo e-mail: didatico@cpb.com.br ou no site da SCB.